

# BÍBLIA E ECOLOGIA

Maurício Waldman<sup>1</sup>

A eclosão em nível mundial de problemáticas ecológicas trouxe uma série de desafios para as formulações teológicas e bíblicas. A questão ambiental está na pauta, a partir da década de 70, junto a diversos encontros ou iniciativas de ordem ecumênica.

Ao longo deste período, registra-se, per exemplo, a criação da *Interfaith Coalition - Coalizão entre Crenças*, uma rede formada por cristãos, judeus, muçulmanos, hindus e budistas de mentalidade parecida. Esta rede preconiza, em 1979, uma parada no uso de reatores nucleares, a cessação da produção de armas atômicas e a proibição da mineração e do transporte de urânio.

Diversas posições tomadas pelo Conselho Mundial de Igrejas demonstram que, ao longo dos anos setenta, esta organização preocupou-se não só com a crítica aos modelos de crescimento econômico, mas também destacava a questão ambiental como indissociável de uma ética social justa e participativa.

Portanto, é possível afirmar que embrionariamente várias organizações ecumênicas mostravam sensibilidade com os problemas ambientais. Estes atualmente - e nisto não há nenhum exagero - podem comprometer irreversivelmente a perpetuação de todas as formas de vida, incluindo homens e mulheres, sobre a face da terra.

Graças ao alerta pioneiramente dado pelo movimento ecologista, a questão ambiental foi incorporada por um amplo conjunto de crenças religiosas. Ao lado do *campo ecumênico* propriamente dito, ela inscreveu-se junto ao *campo abramítico* (reunindo o cristianismo, o judaísmo e o islamismo) e em várias outras confissões religiosas. De particular importância foi sua interiorização no conjunto dos movimentos sociais, ultrapassando o núcleo original formado pelo movimento ecologista.

No entanto, a ecologia possui várias hermenêuticas. Não há leitura monolítica da questão ambiental. As diversas interpretações existentes reproduzem dilemas ideológicos gerais, presentes na sociedade moderna como um todo. Particularmente, a posição dos *ecologistas sociais*, apontando para um *ecologismo popular*, tem demonstrado grande capacidade de interlocução com os movimentos sociais.

Para os ecologistas sociais, a relação entre as sociedades e o meio ambiente é de fundo *sócio-ambiental*, e não só ambiental como pregam as correntes conservadoras do ecologismo. A luta ambiental não se resume à preservação da fauna e da flora,

---

<sup>1</sup> Maurício Waldman é autor de vários livros e artigos na área do meio ambiente, mestrando em Antropologia Social pela USP e colaborador do Programa de Assessoria à Pastoral do Koinonia.

ameaçadas de extinção, mas fundamentalmente está dirigida para transformações estruturais da sociedade.

O debate promovido pelos ecologistas sociais enfatizou a necessidade de uma ênfase social na análise da degradação da natureza. É necessário ir além daquela equação tão divulgada pela mídia, pela qual, *o homem estaria destruindo a natureza*. Muito mais que um homem genérico e abstrato, são relações sociais de produção, inscritas num processo de apropriação privada da natureza, que estão depredando os sistemas naturais do planeta. Neste sentido, cabe recordar que a uns cabem as decisões e aos demais - a imensa maioria - seu simples cumprimento.

*A crítica dos ecologistas sociais volta-se também contra o imperativo clássico de progresso, baseado na noção de trabalho produtivo (dirigida para a produção de mercadorias dentro da lógica da acumulação de capital) e de ciência como um conhecimento voltado para o domínio da natureza, vista como um recurso para o desenvolvimento econômico.*

Ponderações de teólogos e biblistas podem estar situadas neste quadro. Mesmo sem serem propriamente ecológicas, são objetivamente ecologistas. Para Julio de Santa Ana, *a mágica do capitalismo seria fazer o bem através do mal*. Hugo Assmann, por sua vez, *assinala o Deus quente do mercado total como o cerne da devastação da natureza*. Não é outro o parecer de teólogos, militantes ou leigos cristãos como Werner Fuchs e García A. Rubio<sup>2</sup>.

A lógica do mercado desvenda a natureza sacrificial do capitalismo. E isso ainda é agravado por algumas releituras "modernas" do liberalismo econômico. Admitem os seguidores de teóricos como Milton Friedmann, que a economia nada teria a ver com preocupações de ordem moral. Por estas razões, há de ser necessário um outro paradigma para uma ótica *ecumênico-ecológica* que Rafael Soares de Oliveira, em artigo publicado na Revista Tempo e Presença (1992), criativamente transforma num sugestivo trocadilho: *oikológico*.

Ao lado das advertências éticas, importantes e necessárias, existem as de fundo propriamente teórico. No plano conceitual, paradigmas em incongruência com um referencial ecológico fazem, repetidamente, sua aparição junto à interpretação dos textos bíblicos.

Entre eles está o *conceito de modo de produção*. Embora exista uma rediscussão por parte dos cientistas sociais, é comum a utilização irrefletida do conceito (Veja Maurício Waldman, item 3.6). Este seria o caso do modo de produção asiático, *ou tributário*, para escapar da conotação indevidamente geográfica da terminologia original. Procurando destacar o mecanismo básico de extração do excedente nas épocas bíblicas, diversas

---

<sup>2</sup> Vide respectivamente item 4.3 (Teologia) de Bibliografia Bíblica Latino-Americana 1992 e item 4.2/134, Bibliografia Bíblica Latino-Americana 1990.

análises não atendem as observações desenvolvidas quanto à sua pertinência conceitual.

Antropólogos como Marshall Sahlins já alertaram que a economia de mercado poderia constituir um fetiche, uma eterna armadilha ideológica da qual a Antropologia econômica deveria escapar. O fato de o capitalismo ser inteligível a partir do primado do econômico, não significa que este pressuposto seja igualmente válido para a interpretação das sociedades não capitalistas, *comumente denominadas de pré-capitalistas*.

Entre estas sociedades, vale lembrar, estão as relatadas na Bíblia. Avaliações deste tipo sugerem uma perspectiva na qual as sociedades não europeias terminam avaliadas através de critérios que lhes são estranhos. *O termo modo de produção é potencialmente economicista e produtivista* e, pior ainda, inscreveria todas as sociedades numa visão evolutiva, pelo que sua aplicação reclama concentrada atenção do pesquisador.

Qualificar como de produção as relações específicas ao modo de produção tributário, assim como qualquer outro modo de produção, implica na incorporação de uma ótica economicista que se tomou hegemônica unicamente no padrão civilizatório ocidental e em nenhum outro. *As formações sociais não capitalistas estabeleceram um modo de relação e não só de produção dos homens (assim como também das mulheres) com a natureza. Possivelmente, e em função de o capitalismo ter constituído a única formação verdadeiramente econômica da história, unicamente este seja um modo de produção.*

As sociedades antigas (aí incluídas as da Bíblia) devem ser analisadas a partir dos diversos padrões civilizatórios nos quais estiveram enraizadas. Estes antigos modos de relação incluíam concepções de tempo, de espaço e balanços energéticos que estão registradas nos textos bíblicos. No tocante a uma leitura popular da Bíblia, são de particular interesse as relações ecológicas que caracterizaram o cotidiano e a história dos antigos hebreus - os *hapiru* mencionados nas crônicas dos antigos reinos do Oriente Médio.

É sabido que enquanto um movimento social, os *hapiru* estabelecem nas montanhas da Palestina, uma sociedade já sem opressor, rei ou faraó. Formam um antimodelo: antiestado, antifaraó, antiopressão, sem cidades, sem templos, quase sem sacerdócio. Esta radicalidade *hapiru* se refletiu em suas concepções de tempo, rompendo uma tradição asiática, na qual a noção de tempo cíclico era fundamento ideológico para a perpetuação do ciclo de tributos e do poder dos impérios.

O texto bíblico abunda em histórias, ao contrário do que ocorria em todo o Fértil Crescente. As histórias bíblicas não explicam a natureza através de deuses que intervêm encarnando forças cósmicas, centradas num longínquo passado mítico fundador. *O Deus de Israel, dos hapiru, combate esta concepção mágica, tornando o universo passível de transformações. Javé, não se associa aos acontecimentos*

*repetitivos e até certo ponto previsíveis da natureza, mas à história, que ele comanda de uma forma geral inescrutável.*

Este fenômeno, exclusivo da inculturação bíblica, implica na despersonalização e desmitização das divindades dos povos vizinhos tornadas forças cósmicas impessoais. A originalidade deste fenômeno, único entre as religiões, se deve ao monoteísmo. A concepção de tempo linear surge como uma contribuição distintiva do pensamento hebraico muito pertinente mesmo para os dias de hoje<sup>3</sup>.

Também no tocante ao espaço e aos balanços energéticos, a ecologia hapiru mostra um caráter distinto dos impérios da antiguidade. Ela subentendia a apreensão de nichos ecológicos bastante diferenciados na antiga *Terra Santa*. País de relevo caótico, sulcado por vales e desfiladeiros, com enormes disparidades geográficas e naturais, a Palestina recebeu vagas sucessivas de grupos de diferentes origens étnicas, que foram colocados ou colocaram-se à margem dos processos econômicos, sociais e políticos então em voga.

Estes grupos articulam diferentes modos de relação com os ecossistemas, nos quais se inseriram. A tônica na apreensão dos ciclos de matéria e energia - face à ausência dos tributos - aponta sempre para uma linha de perdurabilidade. É o caso do nomadismo no deserto (grupo sinaítico), do pastoreio transumante combinado com agricultura na estepe (grupo abrahâmico) e isto, sem contar com a vigorosa economia camponesa, que foi a base do meio rural palestino durante séculos.

Os *hapiru* trabalharam concepções de tempo, de espaço e de balanços energéticos que, apontando para o enfrentamento do império, induziram, mesmo que de forma não premeditada, para concepções hoje defendidas pelos ecologistas sociais: uma sociedade justa e ecologicamente responsável. Quantas não são as diferenças desta *ecologia hapiru* com a do poder despótico do faraó dissecado por Friedrich E. Dobberahn e Verner Hoefelmann<sup>4</sup>!

Tudo isto mostra o equívoco de colocações que afirmam ser a tradição judaico-cristã a matriz da moderna devastação da natureza. Além da carência bíblica para tão imprudente afirmação, caberia a crítica do próprio ponto de vista histórico. Não é possível reputar a atores sociais tão díspares quanto as primeiras comunidades cristãs, São Francisco de Assis, os cristãos reformados e os conquistadores portugueses e espanhóis - sem contar os próprios *hapiru* - uma idêntica postura com a natureza com base numa "mesma" herança judaico-cristã.

Uma concepção popular de natureza já estava colocada na antiguidade por grupos que antagonizavam o poder constituído, que idealizaram uma ótica não antropocêntrica. *Não o homem e a mulher, mas o sábado é a coroa da criação*<sup>5</sup>. Ao descanso do jumento, do

<sup>3</sup> Veja Maurício Waldman, item 3.6 de Bibliografia Bíblica Latino-Americana 1992.

<sup>4</sup> Vide item 3.5/2, v.4/1991.

<sup>5</sup> Veja Haroldo e Ivoni Reimer, item 5.4.1 de Bibliografia Bíblica Latino-Americana 1992.

boi, da terra, da árvore, deve ser acrescido o respeito aos que amanham o solo e desafiam a opressão na construção de uma sociedade nova.

É por isso que a *ecologia hapiru* associa reivindicações dos *novos hapiru* da América Latina, sejam eles nações indígenas nos Andes, seringueiros na Amazônia, operários argentinos e brasileiros. Sejam eles como o autor deste pequeno texto, um judeu que observa nos *hapiru*, os ancestrais históricos de um novo projeto, ecológico, popular e transformador.

**AUTORIZADA A CITAÇÃO E/OU A REPRODUÇÃO DESTE TEXTO DESDE  
QUE MENCIONADA A REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA:**

WALDMAN, Maurício. *Bíblia e Ecologia, Bible and Ecology, Biblia y Ecología* (Texto trilingue). In *Bibliografia Bíblica Latino-Americana 1992*, p. 36-47, Editora Vozes e Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Ciências da Religião do Instituto Metodista de Ensino Superior (IMES), São Paulo e São Bernardo do Campo (SP), v. 5, p. 36-47, 1992.

**PALESTRAS, CURSOS E OFICINAS DESENVOLVIDOS  
POR MAURÍCIO WALDMAN**

Contato: [mw@mw.pro.br](mailto:mw@mw.pro.br)

Saiba Mais: [http://www.mw.pro.br/mw/mw.php?c=o&p=cursos\\_e\\_palestras](http://www.mw.pro.br/mw/mw.php?c=o&p=cursos_e_palestras)

**MAURÍCIO WALDMAN - INFORMAÇÕES PORMENORIZADAS**

Home-Page Pessoal: [www.mw.pro.br](http://www.mw.pro.br)

Biografia Wikipedia english: [http://en.wikipedia.org/wiki/Mauricio\\_Waldman](http://en.wikipedia.org/wiki/Mauricio_Waldman)

Currículo no CNPq - Plataforma Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3749636915642474>